COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara. Pulsação e vida x contração e peste emocional. VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara (Org.). **Anais.** 18º CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS. Curitiba/PR. Centro Reichiano, 2013. [ISBN – 978-85-87691-23-1]. Acesso em: ____/____/____.

PULSAÇÃO E VIDA X CONTRAÇÃO E PESTE EMOCIONAL

José Henrique Volpi
Sandra Mara Volpi

RESUMO

Reich nos ensinou que vida corresponde a movimento. A criança, ao nascer, traz consigo um patrimônio energético que desde cedo está exposto a intempéries emocionais. Quando o organismo sofre e se contrai, congelam-se as emoções, e se formam traços de caráter e, por consequência neuroses, que tornam os campos energéticos intolerantes perante o vivo. O oposto disto também é verdadeiro: quando o organismo pulsa, encontra em si mesmo os recursos necessários para transformar sua própria energia e a do ambiente ao seu redor, mantendo seu aspecto saudável.

Palavras-chave: Contração. Couraça. Energia. Orgone. Pulsação. Peste emocional.

Todo nascimento é cercado de expectativas. Quando uma mulher está grávida, torna-se o centro dos olhares, das conversas, das admirações e muito raramente passa despercebida. Sabemos que ali, no silêncio do ventre, é gerado um novo ser. E é preciso nove meses de maturação física, fisiológica, energética e psicológica antes de vir ao mundo. É como uma semente dentro da casca que vai amadurecendo antes de sair. Mesmo ainda dentro do útero, esse bebê já sente as interferências do meio, sejam elas boas ou ruins. E são essas interferências primárias somadas às interferências recebidas ao longo do desenvolvimento que irão formar as raízes, o caule, o tronco, as folhas, flores e frutos, tudo de acordo com os cuidados recebidos.

Esse bebê, seja no útero ou fora dele, precisa ser cuidado, aconchegado, amamentado, acalentado, sabendo que é um ser frágil e precisa de toda a atenção. E é esse cuidado que irá proporcionar ao bebê uma boa capacidade emocional, que fará toda a diferença na formação de sua personalidade e de seu caráter e por consequência, em como irá enfrentar a vida.

Mas nem tudo é sempre um “mar de rosas”. Às vezes a gestação é complicada, o parto complicado, a recepção do novo bebê complicada. Enfim, existem inúmeros fatores que podem contribuir com uma gestação, parto e primeiros dias de vida extremamente prejudiciais ao bebê. E o reflexo disso se dá na formação da personalidade e do caráter tornando-os pessoas tensas e neuróticas. Essa tensão e neurose limitam a capacidade do indivíduo de sentir e de se expressar, paralisando sua energia vital, fazendo-o entrar em um estado de depressão que,

seguno Lowen (1983, p. 65), "é uma morte emocional e psicológica". No indivíduo saudável, os aspectos físico, emocional, energético e espiritual encontram-se em harmonia; no indivíduo doente, esses aspectos estão comprometidos e prejudicam o livre fluxo da energia.

Mas, como é que os bebês, criaturas inocentes, transformam-se em pessoas inseguras, ambiciosas e incapazes de viver em harmonia? O que leva os seres humanos a não perceberem que são parte da natureza e que deveriam cooperar com ela, obedecendo suas leis? O que há de errado conosco, e com a nossa maneira de educar nossas crianças? Reich sempre se fez estas perguntas. Desde a época em que ele era psicanalista, foi defensor de uma educação com base numa pedagogia anti-autoritária. Afirmava que uma boa formação baseia-se numa educação que está a serviço do ser humano e não a serviço de uma determinada classe da sociedade.

A criança se desenvolve, nasce e cresce com um maleável sistema bioenergético inteiramente disponível a adquirir qualquer coisa que o meio ambiente imprima em seu organismo com algum grau de persistência. Quando se sente bem, expande sua energia; quando se sente ameaçado, a contrai, sente medo e se retrai (REICH, 1982). Essas marcas (*imprintigns*) quando são bons, permitem uma expansão da energia e do organismo; quando ruins, provocam uma contração da energia e do organismo como um todo, respondendo assim pelas chamadas biopatias de encolhimento (REICH, 1985)

> Quando a criança nasce, ela sai de um útero cálido com 37 graus para algo em torno de 18, 20 graus. Isso é bastante ruim. O choque do nascimento é bastante ruim, certo? Mas ela poderia sobreviver a tudo isso se não acontecesse o seguinte: ao vir para fora, é pega pelas pernas e leva um tapa nas nádegas. A primeira saudação é um tapa. A próxima saudação é ser afastada da mãe. Afastada da mãe... eu quero que todos vocês ouçam isso, porque isso vai parecer inacreditável em 100 anos. Afastada da mãe, a mãe não pode nem tocar nem ver o bebê e o bebê não tem contato físico após ter estado durante nove meses em contato corporal a uma temperatura bastante alta, o qual temos denominado contato corporal energético-orgonótico. Há a atuação de um campo entre ambos, uma calidez, um calor (REICH, 1995, p. 73)

O registros emocionais firam em nossa mente e nosso corpo como um diário de acontecimentos, durante as etapas do desenvolvimento pelas quais todos nós passados desde o útero até a formação de nosso caráter, que se dá na adolescência. Essas etapas são definidas como: sustentação, incorporação, produção, identificação e formação do caráter (VOLPI; VOLPI,

2002).

A primeira etapa, sustentação, corresponde ao período que vai desde a concepção até os primeiros 3 meses de vida. Nessa etapa, é importante o bem estar físico, energético e psicológico da mãe para que por consequência, ocorra o bem-estar do bebê. Quanto maior o vigor energético da mãe, maior será o vigor energético do útero e do bebê. O contrário também é verdadeiro. Portanto, o nível de energia do embrião é determinado pelo nível de energia do organismo materno. Segundo Reich (1987), um útero que pulsa livremente cria um ambiente muito mais favorável para o bebê, do que um útero contraído e sem energia. Um útero orgonoticamente carregado, apresenta uma circulação de sangue nos fluídos do corpo mais completa, tornando o metabolismo da energia mais eficiente ao organismo.

A partir do terceiro mês de gestação, o embrião passa a ser chamado de feto sendo que esse desenvolvimento fetal, segundo Reich, não pode ser considerado acabado com o nascimento, mas se estende entre dez e os doze meses de idade, quando as funções biológicas se fundem num bio-sistema coordenado e unificado, o que responde, portanto, pela formação do temperamento e é decisivo para o funcionamento bioenergético posterior da criança porque o nível de energia do embrião é determinado pelo nível de energia do órgão materno.

Assim, é perfeitamente compreensível que filhos de pais energeticamente saudáveis, que permitem à criança a liberdade de expressão de seus movimentos, gestos, angústias, etc, são mais vivos e saudáveis do que filhos de pais energeticamente doentes, moralistas, frígidos, que impedem qualquer tipo de expressão por parte da criança.

Para Reich (1987) toda criança recém-nascida tem sua própria individualidade, seu próprio tom emocional, que deve ser reconhecido para que suas reações individuais sejam compreendidas. Ai a importância de sabermos compreender as necessidades da criança. Vale também ressaltar que se o organismo da mãe for emocionalmente expressivo e permitir o livre movimento de sua energia ela será capaz de facilmente compreender as necessidades de seu bebê. Caso contrário, se ela estiver encouraçada e rígida, se for tímida ou inibida, falhará na compreensão da linguagem do bebê e, por esta razão, o desenvolvimento emocional da criança será exposto a várias influências prejudiciais.

Portanto, o bom contato orgonótico entre mãe e filho é primordial para enfrentar os contratempos precoces que vida pode trazer para a criança.

A segunda etapa do desenvolvimento, incorporação, corresponde ao período da

amamentação e desmame e ocorre ainda em conjunto com a etapa anterior (sustentação) pelo menos nos primeiros meses de vida. Por isso, é de suma importância que a amamentação seja feita no colo, pela mãe ou quem representa para o bebê a figura materna porque junto com o leite, a criança também deve incorporar o afeto, o toque, o contato, a aceitação.

A criança recém-nascida possui um sistema bioenergético altamente maleável que será influenciado por uma multidão de impactos do meio ambiente que Dara a ela registros de prazer e desprazer. Quando acolhida, amamentada e bem tratada, o registro de prazer irá expandir seu organismo permitindo que sua energia flua livremente; quando rejeitada, deixada de lado, não alimentada, o registro de desprazer irá contrair seu organismo fazendo com que sua energia também seja prejudicada em seu fluxo. O contato estabelecido entre o bebê, o meio ambiente que o rodeia e seus pais deve ser receptivo e caloroso. Assim, devemos ressaltar a importância de um bom contato energético entre mãe e bebê principalmente nos primeiros meses de vida e se por algum motivo esse contato for perdido, o bebê irá reagir com desconforto. Segundo Reich (1994), é natural que a mãe às vezes perca o contato com a criança por um breve período de tempo, mas que esse tempo não pode se prolongar por mais que alguns minutos ou poucas horas e que sempre que possível, é importante a mãe saber quando e por que essa ausência de contato está ocorrendo para que possa recuperá-lo sempre que possível. Uma mãe encouraçada não perceberia isto e em consequência dessa falta de percepção, não poderia modificar essa situação, deixando seu bebê à mercê de choros, desconfortos e angustias, responsáveis pelo encolhimento biopático de todo o seu organismo.

Afirma Reich (1987, p. 89):

> o principal não é se o bebê se sente ou não desconfortável às vezes, mas sim se você sabe ou não porque ele sofre, e assim é possível que você e o bebê saiam dessa situação. Em outras palavras, a saúde não consiste em nunca ficar infeliz, ou sempre estar feliz e saudável mas, basicamente na capacidade de livrar-se da infelicidade e da doença. Esses ideais sobre felicidade “absoluta” e saúde “absoluta” devem ser abandonados completamente. Eles são místicos e causam muitos prejuízos.

Um bebê proveniente de uma gestação saudável será energéticamente vívido em sua expressão e logicamente exigirá uma vivacidade de tudo que o cerca, preferindo cores vibrantes, contato e carinho no lugar de tonalidades acinzentadas e sombria, objetos móveis aos estáticos e ausência de contato. A falta de estímulos permite a criança se recolher em si mesma, um

comportamento geralmente diagnosticado erroneamente como autismo. Diz Reich (1987, p. 92):

> O conceito de "autismo da criança", de "estar afastada, fechada em si mesma", é tão errado quanto difundido. O autismo do bebê é um artefato causado pelo comportamento dos adultos. Ele é gerado pelo restrito isolamento do bebê e pelo encouraçamento caracterológico dos adultos responsáveis pelo cuidado da criança e também pelos teóricos dos cuidados infantis. Compreensivelmente, o bebê não emergirá para o mundo ou só o fará com um grande esforço, se perceber somente regras inflexíveis e comportamentos não naturais, em vez de calor e afeto".

Deixemos então que as mães simplesmente desfrutem seus bebês e o contato se desenvolverá espontaneamente.

A etapa de produção corresponde ao período em que a criança faz suas descobertas do ambiente, querendo ser capaz de construir do seu próprio modo aquilo que muitas vezes vê sendo feito pelos pais e pessoas mais próximas. Nessa etapa a criança começa a se desvincular, ainda que parcialmente, dos pais e passa a formar novos vínculos com pessoas próximas a ela, aprendendo assim, por meio de modelos, novos hábitos, costumes e limites. É um momento voltado à aquisição de conhecimentos intelectuais, morais, culturais que muitas vezes são impostos à criança de forma exacerbada, sem respeitar a sua pouca idade e impossibilidade de fazer por ela mesma suas escolhas.

É importante considerar que nenhum interesse de estado, cultura, nação, religião, etc., deva influenciar o desenvolvimento da criança. Reich diz que questões culturais impostas à criança devem ser respeitadas, e que não há nada de errado nisso desde que não interfira nos direitos das crianças e no seu desenvolvimento natural.

Uma vez que as crianças não são totalmente encouraçadas não podemos empregar a mesma técnica orgonômica de análise do caráter aplicada em biopatias de adultos. Não podemos remover camada por camada, com o objetivo de alcançar a área e mobilizar a bioenergia genital, na criança, antes de quatro ou cinco anos. A genitalidade não está totalmente desenvolvida. A tarefa aqui consiste simplesmente em remover obstáculos no caminho natural do desenvolvimento em direção à genitalidade plena.

Para Reich (1994), a ideia do perfeito e do absoluto é uma clara fantasia das estruturas neuróticas. A diferença entre crianças saudáveis e doentes não está no fato de que as primeiras não apresentam distúrbios emocionais e as doentes sim; esta diferença é determinada pela capacidade da criança de sair da situação biopática aguda e de não ficar enganchada nela por

toda a vida, como se sucede com crianças neuróticas típicas. O que temos que fazer é manter o biossistema da criança livre de qualquer tendência à estase de sua energia biológica, observável na frustração. O resto acontece sozinho.

A criança saudável para nós, isto é, a que não apresenta uma base para os desenvolvimentos patológicos, não será prejudicada pela violência no cinema e nos gibis. Ela não se interessa por essas crueldades, reage a elas com desgosto, ou põe atenção nelas por algum tempo para novamente abandoná-las. A criança doente absorve ansiosamente a crueldade, incorpora-a à sua estrutura, agregando-lhe coisas oriundas de sua fantasia e leva-a à perfeição maligna por um dos muitos caminhos ocultos e tortuosos pelos quais opera a praga emocional. Ele arranca lentamente as asas das moscas, com consciente deleite pela dor que provoca, enquanto fantasia que está matando o pai ou a professora. Ela cria monstros em sua fantasia que levam a cabo a tarefa maldosa enquanto o sonhador fica de lado, inocente e covarde. Ela maltrata cachorrinhos ou puxa o rabo de gatos. Mais tarde, já adulto, ele irá atirar nos cervos que se detêm confiantes frente aos faróis de seu carro; irá pescar não para comer, mas para torturar os peixes, puxando bruscamente o anzol; ele em resumo, se transformará num matador hitleriano.

Portanto, aponta Reich (1994) que a saúde não consiste na ausência total de doença, mas sim, na habilidade do organismo em ultrapassar a doença e sair dela sem danos.

A cada pouquinho de encouraçamento crônico desestrutura gradativamente a autorregulação da criança, e, na mesma medida, vai tornando-se necessária a educação compulsiva. O objetivo principal do adulto é remover contínua e cuidadosamente todo tipo de encouraçamento que possa aparecer na criança.

A criança autorregulada não pode tolerar a disciplina, assim como a criança encouraçada não pode tolerar a liberdade.

Se uma criança autorregulada é transplantada repentinamente para um meio ambiente disciplinar, fica desorientada e provavelmente adoece. Se uma criança educada de maneira disciplinar é transplantada para um ambiente autorregulador, perde o equilíbrio e sente-se menos adaptada que num ambiente autoritário.

A PESTE EMOCIONAL

COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO
VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara. Pulsação e vida x contração e peste emocional. VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara (Org.). **Anais.** 18º CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS. Curitiba/PR. Centro Reichiano, 2013. [ISBN – 978-85-87691-23-1]. Acesso em: ____/____/____.

Segundo Reich (1991), o ser humano nasce livre mas se desenvolve acorrentado por todos os lados. Todos somos iguais ao nascer, mas não crescemos iguais. A imposição sofrida pela sociedade neurótica nos torna neuróticos. A educação compulsiva que recebemos ao longo da vida, aumenta nosso encouraçamento e impede a autorregulação que de acordo com Reich (1994, p, 89), "não pode ser ensinada nem implantada na criança, pois ela só pode crescer de acordo consigo mesma. O que pais e educadores podem fazer é proteger o desenvolvimento natural da autorregulação desde o nascimento".

A humanidade tem sido incapaz de construir uma vida livre da neurose e cada vez mais é assolada por uma armadilha para aprisionar a sí próprio, tomada por uma cultura e costumes neuróticos, assolados pela praga emocional. Pessoas afligidas por essa praga emocional tem um comprometimento em seus traços de caráter e agem com a subjetiva e firme convicção de estar servindo a algum bom propósito. São pobres de espírito e de emoção, cujo prazer está a serviço da destruição do outro.

Reich tinha uma visão de ser humano e de mundo diferente das promulgadas na época pela psicanálise e outros cientistas e por meio de suas pesquisas e experiências procurou entender a biopatia social que assolava a humanidade, à qual denominou Peste Emocional.O indivíduo acometido pela peste emocional é aquele que tem inveja destrutiva do outro, que não dá conta de fazer por si próprio e busca então destruir o que o outro tem e faz por meio de difamações, fofocas e ações negativas, sempre no intuito de destruir alguém. Como qualquer outra doença contagiosa, a peste pode tornar-se uma doença epidêmica.

Porfim, não devemos lutar para criar crianças que não tem problema algum e sim para criá-las livres de encouraçamentos patogênicos, de modo que nenhum sintoma possa criar raízes e persistir. Temos que lembrar sempre que a dificuldade não está nas crianças mas sim nos adultos - pais, professores, pessoas que as rodeiam.

Devemos assumir que criar crianças saudáveis não será simples nem fácil, mas podemos acreditar que "sem um fundo biopático crônico, não há solo para o enraizamento dos sintomas neuróticos" (Reich, 1994, p. 102)

REFERENCIAS

HIGGINS, Mary; RAPHAEL, Chester (Org.). **Reich fala de Freud.** Lisboa: Moraes, 1967

LOWEN, A. **O corpo em depressão**: as bases biológicas da fé e da realidade. São Paulo:

Summus, 1983

REICH, Wilhelm. **Escuta Zé ninguém!** Martins fontes: São Paulo, 1982 REICH, Wilhelm. **Bambini Del Futuro.** SugarCo: Milano, 1994
REICH, Wilhelm. **La biopatía del câncer.** Nueva Visión: Buenos Aires, 1985

REICH, Wilhelm. **O assassinato de Cristo.** São Paulo: Martins fontes, 1991 REICH, Wilhelm. **The source of the human "no".** Rangeley: Wilhelm Reich Infant Trust, 1995 (Gravação em fita K7)

VOLPI, J. H.; VOLPI, S. M. **Crescer é uma aventura!** Desenvolvimento emocional segunda a Psicologia Corporal. Centro Reichiano: Curitiba, 2002

José Henrique Volpi / Curitiba / PR / Brasil - CRP 08/3685 – Psicólogo, Analista Reichiano, Psicodramatista, Mestre em Psicologia da Saúde (UMESP), Doutor em Meio Ambiente e Desenvolvimento. Diretor do Centro Reichiano-Curitiba/PR
E-mail: Volpi@centroreichiano.com.br

Sandra Mara Volpi / Curitiba / PR / Brasil - CRP-08/5348 – Psicóloga, Analista Bioenergética (CBT) e Supervisora em Análise Bioenergética, Especialista em Psicoterapia Infantil e Psicopedagogia, Diretora do Centro Reichiano-Curitiba/PR.
E-mail: sandra@centroreichiano.com.br